# Guerra Simbólica: Pânico Moral e a Retórica Propagandista do Daesh em "*Flames Of War*"[1]

Lilian Sanches[2]
Universidade de São Paulo

## RESUMO

Com base nos estudos de Bauman, Jung e Rapoport, o presente artigo se propõe a investigar a relação travada entre a retórica propagandista do Daesh[3] e o pânico moral instalado no Ocidente a partir do que se convencionou chamar de "ameaça terrorista". Além dos atos de fato perpetrados, a estratégia midiática utilizada pelo grupo para ampliar sua percepção de poder entre a opinião pública mostrou-se efetiva de modo a espalhar um medo desproporcional à realidade dos fatos, contribuindo para a cristalização de estereótipos e, em consequência, da islamofobia. Com o intuito de fomentar o debate sobre o tema, o trabalho apresenta uma análise contextual e fílmica da série "Flames of War", composta de dois longas-metragens em formato documentarial divulgados pelo Daesh em 2014 e 2017.

**PALAVRAS-CHAVE:** terrorismo; pânico moral; mídia; Daesh.

## INTRODUÇÃO

Ataques e grupos terroristas, por sua natureza, despertam a atenção de toda a sociedade, atendendo aos critérios de noticiabilidade adotados pelos veículos de comunicação de diversas partes do mundo e, em um processo de retroalimentação cíclico, atualmente agitando as redes sociais, o que evidencia o forte apelo midiático e o interesse coletivo que envolve esse tipo de acontecimento. Em consequência a essa circunstância intrínseca, uma atmosfera de medo contínuo e coletivo se instalou no Ocidente, principalmente nos Estados Unidos e Europa, com proporções sem precedentes após o

[1] Trabalho apresentado no GP Comunicação, Imagem e Imaginários, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2] Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo e doutoranda, em regime especial, do Programa de Psicologia Social da Universidade de São Paulo.
[3] A autora opta por se referir ao grupo terrorista autointitulado Estado Islâmico pela sigla Daesh. Desde junho de 2014, data de declaração do califado, o nome foi reduzido pela própria organização de Estado Islâmico do Iraque e do Levante para apenas Estado Islâmico (com as siglas "IS" em inglês e "EI" em português). A partir de então, foi instaurado no mundo árabe um movimento contra a nomenclatura e solicitações formais de representantes muçulmanos de diversos países para o uso do termo Daesh em substituição. Daesh é a sigla para al-Daula al-Islamiya al-Iraq wa Sham (Estado Islâmico do Iraque) e também um trocadilho em árabe com a palavra 'Dahes', que significa "aquele que semeia a discórdia". Por entender que o termo pode contribuir para a desconstrução da representação nociva do universo árabe e da islamofobia, temas sensíveis para a pesquisa da autora, a escolha da sigla Daesh para referências ao grupo terrorista fica aqui registrada.

11/09, devido à representação midiática do terrorismo e seus perpetradores. Diversos estudos internacionais (MENDONÇA, 2002) relacionam de forma contundente o aumento da sensação de insegurança e o conteúdo veiculado na mídia. Ademais, os resultados dessas pesquisas apontam que o medo social não se baseia em dados estatísticos concretos, como os apresentados acima, mas em uma "ansiedade produzida simbolicamente" a partir do teor e frequência das informações disseminadas à opinião pública, fenômeno chamado de intuições estatísticas ingênuas, que se relacionam diretamente com a heurística de disponibilidade. Os achados encontram ressonância ainda nas características do conceito de pânico moral, cunhado pelo sociólogo Stanley Cohen em seu icônico livro "Folk devils and moral panics" (1980). Com o enfraquecimento da Al Qaeda, o Daesh, grupo dissidente da organização terrorista internacional, tornou-se protagonista dos atos de terrorismo no mundo ocidental. Com especificidades ímpares e requintes de crueldade, o novo grupo se valeu de estratégias e retóricas propagandistas rebuscadas a fim de disseminar o medo durante seu período de ascensão e apogeu, ampliando desproporcionalmente a percepção de poder. Visando contribuir para as discussões acerca do tema, o presente artigo foi desenvolvido a fim de investigar o uso das redes sociais e plataformas digitais pelo grupo terrorista de forma a fomentar o pânico moral entre a opinião pública do Ocidente, contribuindo, como efeito colateral, para a cristalização de estereótipos e, em consequência, da islamofobia.

Para exemplificar a questão, serão apresentadas as análises contextual e fílmica da série "*Flames of War*", composta de dois longas-metragens em formato documentarial divulgados pelo Daesh. O primeiro filme, nomeado "*Flames of War: Fighting Has Just Begun*", foi lançado em 19 setembro de 2014, durante a ascensão do grupo terrorista; já o filme-sequência chegou a conhecimento público em 29 de novembro de 2017, período crítico marcado pela perda de grande parte do território conquistado no Iraque e Síria, e conta com o título "*Flames of War: Until The Final Hour*", em clara alusão à obra de Traudl Junge, que retrata os últimos dias do regime nazista e de Adolf Hitler.

No percurso teórico sugerido, a primeira parte da investigação volta-se ao contexto histórico e cultural no qual o Daesh está inserido, tendo como fio condutor a teoria de David Rapoport (2001; 2007; 2013) sobre as quatro ondas do terrorismo moderno, passando pela matriz religiosa do grupo e as origens ligadas à Al Qaeda. Na sequência, o trabalho aprofunda o olhar acerca do projeto autoritário do Daesh e a nociva politização do conceito de jihad, basilar no Islã e distorcido pela representação midiática

dos ataques e grupos terroristas. Nesse momento, são introduzidos os postulados de Carl Gustav Jung a fim de traçar associações entre a utopia extremista e o arquétipo do herói, fornecendo referências necessárias para a decorrente análise da retórica propagandista manifesta nos filmes que servirão como objeto de estudo.

Por fim, antes de prosseguir para a análise da sequência "Flames of War", faz-se necessário explorar ainda a conjuntura midiática na qual o Daesh está inserido, considerando o papel das redes sociais e cobertura jornalística para a construção de representações no que concerne terroristas e muçulmanos. O artigo visa ressaltar, como consequência e ponto de interesse central, a disseminação de pânicos morais (COHEN, 1980; BAUMAN, 2016) na sociedade ocidental, ancorados pelos fenômenos das heurísticas de disponibilidade e representatividade (TEVRSKY; KAHNEMAN, 1974).

## TERRORISMO MODERNO E O LEVANTE DO DAESH

O terrorismo, embora sem consenso terminológico, é um fenômeno milenar que tem sido estudado por diversos campos do conhecimento. A definição do conceito de terrorismo, no entanto, tem sido fonte de controvérsia nas áreas de conhecimento acadêmico, jurídico e político. Autores como o suíço Alex Schmid apontam a complexidade do tema e a ausência de uma definição neutra, devido aos vínculos ideológicos do termo "terrorismo", considerado o mais politizado da atualidade. "Em sua dimensão pejorativa, o destino do termo 'terrorista' é comparável ao uso e abuso de outros termos no vocabulário político, como racista, fascista ou imperialista" (SCHMID, 2011. p. 40). Soma-se como complicador o direito resguardado de cada estado nação definir legislativamente o que é terrorismo, podendo incluir grupos insurgentes ou formas de resistência política, privadas dos devidos meios democráticos para se exprimir, sob a categoria.

Referência em estudos do tema na academia internacional, o estadunidense David Rapoport sistematizou os acontecimentos do terrorismo moderno recorrendo ao conceito de ondas: contextos e períodos históricos que englobam eventos e grupos terroristas com objetivos e características comuns e podem ou não se sobrepor. A teoria, conhecida como "The Four Waves of Modern Terrorism", foi publicada pela primeira vez em dezembro de 2001. Desde a década de 1880, quatro ondas de terror sucessivas e sobrepostas acometeram o mundo, cada uma com suas características, objetivos e táticas. As três primeiras duraram aproximadamente uma geração, estimada pelo autor em,

aproximadamente, 40 anos; a quarta teve início em 1979 e, embora sem consenso acadêmico, Rapoport defende sua vigência até os dias atuais.

De acordo com Rapoport (2001), a primeira onda, conhecida como terrorismo anárquico, teria sido iniciada pelos anarquistas russos na década de 1880 a partir da estratégia assassinar políticos e militares Czaristas, objetivando a queda do regime. Já a segunda, se configura pela luta anticolonial na Ásia e na África, deflagrada após a Primeira Guerra Mundial, e que conta como característica principal o nacionalismo e ações de guerrilha contra os exércitos e representantes dos colonizadores. O grupo paramilitar sionista Irgun foi o primeiro a deixar de usar o termo terrorista e passar a se definir como *"freedom fighters"*, que lutavam contra o terrorismo de Estado, uma definição adotada pelas demais organizações dessa onda subsequentemente. Em retaliação, os governos envolvidos nos conflitos decretaram que todos os rebeldes contra hegemônicos que fizessem uso de violência seriam considerados terroristas. Como na primeira onda, uma guerra – desta vez no Vietnã – enfraqueceu os movimentos do período e propiciou a origem de uma nova etapa no terrorismo internacional.

Inserida no contexto da Guerra Fria, a New Left emergiu como a terceira onda, atingindo seu auge entre os anos 1960 e 1980, período marcado por atos reivindicados por organizações como a OLP - Organização para a Libertação da Palestina, as Brigadas Vermelhas, ETA - Pátria Basca e Liberdade e o grupo Baader-Meinhof. A onda foi fortemente influenciada pelo êxito dos *vietcongs* contra as Forças Armadas estadunidenses ao longo da guerra do Vietnã. Nesse momento, a expressão "terrorismo internacional" começou a ser utilizado de forma corriqueira para descrever os atos perpetrados; grande parte dos grupos focava suas atividades em territórios estrangeiros.

Com a virada da década, no início dos anos 1980, os revolucionários terroristas sofreram derrotas consecutivas, enfraquecendo a New Left. A vitória da Revolução Islâmica no Irã e a derrota soviética no Afeganistão, em 1979, provocaram uma reviravolta política que produziu as condições necessárias para a formação da quarta onda de terrorismo, que se intensificou após o final da Guerra Fria. Ambos eventos, afetados profundamente pela participação de voluntários muçulmanos, "evidenciou que a religião agora promovia mais esperança do que a corrente revolucionária" (RAPOPORT, 2001). Surge, então, a quarta e última onda definida por Rapoport, que tem as concepções fundamentalistas do islã em seu cerne, devido aos grupos que vêm conduzindo os mais significativos ataques terroristas internacionais deste período.

Baseado no conceito de Rapoport, porém em desacordo sobre a duração da quarta onda, o especialista em terrorismo Jeffrey Kaplan (2008) defende que uma quinta onda já teria surgido e seria caracterizada pelo pelo "utópico intuito de criar, de forma radicalizada, uma sociedade aperfeiçoada no nível local. [...] de reconstituir o modelo de uma 'Era de Ouro' perdida ou um mundo inteiramente novo em apenas uma geração" (2008, p. 12). Movimentos com esse intuito teriam emergido de forma dissidente a partir das ondas postuladas por Rapoport e, apesar do localismo radical e xenofobia, compartilhariam *zeitgeist* suficiente para formar sua própria onda. Apesar da ausência de consenso acerca da ideia postulada por Kaplan (2008), o conceito pode ser aplicado a grupos como o nigeriano Boko Haram e o Daesh.

Enquanto Kaplan admite similaridades, embora relutante, Celso (2015) defende que grupos como Daesh e Boko Haram possuem tendências da quinta onda, o que os diferencia de outras organizações terroristas fundamentalistas da quarta onda, como a Al-Qaeda. O autor argumenta que as duas organizações citadas possuem uma agenda sectária radical baseada no takfirismo[4], descolando seus objetivos dos movimentos islâmicos mais amplos, que sempre pleitearam a criação de uma comunidade unificada, a ummah. No foco das atenções midiáticas e sociopolíticas desde o 11 de Setembro, a Al Qaeda Central, historicamente, sempre rejeitou a violência de seus afiliados contra os próprios muçulmanos. Por diversas vezes, em correspondência com líderes regionais, o próprio Osama bin Laden, líder e fundadora da Al-Qaeda, expressou preocupação e emitiu ordens para tentar inibir a brutalidade sectária da Al Qaeda Iraque (AQI), que se expandiria de forma incontrolável até se fundar a organização dissidente Estado Islâmico do Iraque e do Levante em 2013 (CELSO, 2015).

Além das diferenças estratégicas e ideológicas com a Al-Qaeda Central, a ascensão do Daesh se relaciona também intimamente com a precarização do Estado iraquiano em decorrência da invasão no país árabe, iniciada pelos Estados Unidos em 2003. Após a queda do regime de Saddam Hussein as divisões sectárias foram acirradas pelo apoio estadunidense e ocidental ao governo da maioria xiita (60% da população iraquiana) empossado posteriormente, representado pela figura do então primeiro-ministro Nouri al-Maliki, levando à discriminação e isolamento político e econômico da

[4] Corrente política mais radical do islã, proveniente da palavra takfir, que significa herege. Defendem a pureza do islã da linha wahabista; todos que não a seguem são considerados hereges e infiéis, justificando, portanto, suas mortes.

minoria sunita (20%). Aproveitando-se da circunstancial fragilidade política e insatisfação popular, o "Estado Islâmico ganhou terreno rapidamente junto à comunidade sunita, com a incorporação de outros grupos, aliança com comandantes militares de Saddam Hussein e funcionários do Partido Baath, expulsos de seus cargos após a invasão" (LAURIA; SILVA; RIBEIRO, 2015; p. 3).

A privação de oportunidades e direitos dos sunitas criou as nuances psicossociais necessárias para tornar possível o projeto autoritário do Daesh, que, no início, contou com pouca resistência das populações locais iraquianas e sírias e criou terreno fértil para o processo de recrutamento e radicalização. Inserido nesse contexto sociopolítico, o poderio militar do Daesh cresceu exponencialmente por meio do apoio financeiro estrangeiro para que o grupo intensificasse sua participação na guerra civil síria, apoiando os rebeldes contra o ditador Bashar al-Assad.

Nesse contexto, o califado proclamado por Abu Bakr al-Baghdadi em 30 de junho de 2014 se expandiu rapidamente por territórios do Iraque e Síria, se estendendo desde Aleppo até a província de Diyala, passando por Homs, Damasco, Mossul e Bagdad. De acordo com dados levantados pelo exército estadunidense, a área ultrapassava 190 mil quilômetros quadrados, aproximadamente, o equivalente à toda a extensão do estado do Paraná. Estima-se que mais de oito milhões de pessoas estiveram sob domínio do Daesh durante o ápice de sua conquista territorial, em 2015, contribuindo para o agravamento da crise humanitária decorrente dos fluxos migratórios em massa, que bateram e estabeleceram novos recordes históricos naquele mesmo ano.

## TEATRO DO TERROR E PÂNICO MORAL

Se a quarta onda de terrorismo teve seu início na década de 1980, o mundo ocidental só teve a percepção da dimensão do movimento na virada do milênio. Reivindicados pela Al-Qaeda, os ataques conduzidos em 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos, colocaram o terrorismo em pauta nas esferas sociais, midiática, política e econômica. Na visão de Morin (2011), os atentados constituíram um "eletrochoque decisivo para o devir da sociedade-mundo e, com a desintegração das duas torres de Manhattan, propagou no globo o sentimento de uma ameaça planetária". Essa nova dinâmica alterou a percepção do terrorismo no imaginário social antes percebida como distante por acometer apenas países "distantes e subdesenvolvidos" (MORIN, 2011).

A resposta a essa nova ameaça, batizada de "guerra ao terror", direcionou esforços contra grupos fundamentalistas de matriz religiosa, com base em uma agenda historicamente preconceituosa referente à construção ocidentalista de que o islã seria "um mal a ser combatido por apresentar um perigo sem precedentes para o Ocidente" (GOLDBERG, 2009). Nenhuma outra das três ondas anteriores propostas por Rapoport (2001) haviam desencadeado ações globais coordenadas de contraterrorismo. Para Butler (2015), a mídia, estimulada por atores políticos, construiu a representação do terrorismo após o 11 de Setembro de forma que acabamos "constantemente pensando nos terroristas como uma perigosa ameaça a nós e a nosso país" ao passo que os dados encontrados antes dos atentados de 2001 apontam que o terrorismo não era abordado como um assunto de relevância nacional, bem como a cobertura jornalística referente ao tema focava em diversos perpetradores e não apenas em grupos de matriz religiosa.

Principalmente nos Estados Unidos e Europa, a relação simbiótica travada entre terrorismo e mídia tem sido descrita como “teatro do terror”. O termo, carregado de significados simbólicos, reflete a carga dramática impressa no uso dos meios de comunicação tradicionais e plataformas digitais de disseminação de conteúdo pelas organizações terroristas e a respectiva cobertura midiática. Com as atuais capacidades da mídia de massa, Shoshansi e Slone (2008) apontam que a mídia tem sido ponto central de consideração na orquestração cuidadosa que envolve o planejamento de atos terroristas. Essa preocupação, na visão dos autores, faz parte de uma estratégia para a ampliação da percepção de poder por parte da opinião pública, permitindo que até pequenos grupos terroristas recebam atenção desproporcional às suas verdadeiras capacidades de ação. Os símbolos e mensagens enviadas são desenhadas para manter a ilusão de força aumentada, projetando-a para além do ataque em si mesmo. Desta forma, ao interesse público e atenção midiática acaba por servir às organizações terroristas, que usufruem desse interesse para propagar medo e a ameaça de futuros ataques (SHOSHANI; SLONE, 2008). Neste mote, Mendonça (2002) revisou diversos estudos internacionais com evidências que relacionam de forma contundente o aumento da percepção social de insegurança e a repercussão dos atos de violência na mídia. Com base no resultado dessas pesquisas, o autor conclui que o medo social não se baseia em dados estatísticos concretos, mas em uma "ansiedade produzida simbolicamente" a partir do teor e frequência das informações disseminadas à opinião pública.

Os achados de Mendonça encontram ressonância na perspectiva das intuições estatísticas ingênuas, fenômeno identificado pela psicologia social, que revela a tendência dos indivíduos de basearem, inconscientemente, percepções da realidade não nos parâmetros do pensamento racional, mas em emoções atreladas à heurística de disponibilidade, gerando medos irrealistas (MEYERS, 2014). Atalhos mentais complexos voltados para o processo de julgamento e tomada de decisão, as heurísticas, classificadas por Tversky e Kahneman (1973, 1974), embora úteis para o psiquismo, acabam por exacerbar o enviesamento e distorções do real. No caso da heurística de disponibilidade, considerada um dos princípios básicos do pensamento social, é o esquema mental utilizado para estimar a probabilidade ou frequência de um evento conforme a facilidade, rapidez e clareza com que tal fato (re)surge na mente. Como ataques terroristas, eventos marcantes, imagéticos e cognitivamente disponíveis são percebidos como mais prováveis de ocorrer novamente. Dessa forma, auxiliado paradoxalmente pela mídia, o terrorismo, por romper com a normalidade, impacta profundamente os indivíduos, os distraindo de perigos estatisticamente urgentes para focar em um risco irreal simbolicamente construído.

Essa atmosfera de medo irracional contínuo e coletivo, por sua vez, gera o que o sociólogo Stanley Cohen batizou de pânico moral em seu icônico livro "Folk devils and moral panics" (1980). A criação e sustentação dessa circunstância social proporciona a oportunidade para os partidários da estrutura dominante de um universo simbólico moral forjarem um universo antagônico e atacá-lo; durante o processo de eliminação do inimigo comum do bem-estar social, o moralmente desejável, indesejável, aceito e rejeitado acaba por ser redefinido. A partir dos estudos de Cohen, estruturou-se a sociologia do pânico moral, que explora a perspectiva analítica da teoria do rótulo. O conceito define os desvios de uma construção social e não apenas uma qualidade intrínseca de atos ou atores sociais específicos. De acordo com o postulado do sociólogo Howard Becker (1963), a ênfase é conferida ao papel dos agentes de controle social, os chamados “empreendedores morais”, o que pode ser prontamente associado às ramificações da aplicação do conceito de "guerra ao terror" e as políticas de contraterrorismo.

No campo da psicologia social, von Sikorski et al. (2017) teorizam que a cobertura jornalística que explicitamente associa o islã ao terrorismo provoca sensações de medo em indivíduos não-muçulmanos, ao passo que a diferenciação clara entre muçulmanos e terroristas, – desconstruindo o estereótipo em caráter educativo, – tem a capacidade de

enfraquecer essas reações de medo. Os estudiosos afirmam que a mensagem disseminada pelos meios de comunicação é crucial na percepção individual e social dos fatos. "Se todos os muçulmanos são percebidos como terroristas, então a ameaça terrorista é muito maior se comparada com a noção de que terroristas muçulmanos são indivíduos isolados e não associados com a maioria da comunidade muçulmana" (VON SIKORSKI et al., 2017). Ao modificar o discurso durante a cobertura da pauta terrorista, a mídia teria a capacidade quase instantânea de controlar o medo individual em sua origem e, consequentemente, de modo menos efetivo, a atmosfera de pânico moral gerada a partir da ausência de diferenciação midiática entre terrorismo e islã.

No entanto, o pânico social que se propagou nos Estados Unidos e, principalmente, na Europa, acentuada pelos os fluxos migratórios em massa dos últimos anos, guarda certo paradoxo. Os mesmos migrantes rotulados de forma generalista como terroristas estão, de fato, em sua maioria, fugindo da guerra e de ataques terroristas, de Estado ou não, que ocorrem em seus próprios países de modo recorrente e letal.

Bauman (2016) recorda na fala do repórter do Guardian, Christopher Catrambone, que após os ataques terroristas de Pais, o alarmismo subsequente aos eventos de novembro de 2015 agravou a problemática da chamada crise humanitária. "A tragédia humana de gente fugindo pelo mar para escapar do terrorismo está sendo depreciada por acusações amargas, pela construção de muros e pelo medo de que esses refugiados venham nos matar" (BAUMAN, 2016). O sociólogo declara ainda que utilizar a palavra "crise" como referência à situação é apenas um codinome politicamente correto para a fase atual da eterna batalha dos formadores de opinião pela conquista e subordinação das “mentes e dos sentimentos humanos”.

## FLAMES OF WAR: ANÁLISE DA RETÓRICA PROPAGANDISTA DO DAESH

Após completar o percurso teórico que embasa pontos centrais de interesse, o presente artigo se propõe a analisar os principais elementos retóricos presentes na série “*Flames of War*”, composta de dois longas-metragens em formato documentarial divulgados pelo Daesh. Ambas as produções audiovisuais foram elaboradas pelo Al Hayat Media Center, departamento de mídia do grupo terrorista, especializado na confecção e divulgação de conteúdo propagandístico para o público europeu, estadunidense e russo. Notórios pela qualidade técnica, vídeos e filmes apresentam linguagem uniforme, ancorada em narrativas cinematográficas e televisivas, além de

contar com elementos de computação gráfica. Dessa forma, tanto a estética como a retórica dos produtos audiovisuais foram desenvolvidos a fim de ressignificar e explorar símbolos da cultura ocidental populares, principalmente, entre os jovens. Até mesmo a logomarca do centro midiático se assemelha, propositalmente, da identidade visual da Al-Jazeera, o principal meio de comunicação do mundo árabe, em uma tentativa de conferir veracidade e familiaridade ao conteúdo divulgado.

Com 55 minutos e 13 segundos de duração, o primeiro filme, nomeado "*Flames of War: Fighting Has Just Begun*", foi lançado em 19 setembro de 2014 pela rede social Twitter. O período, marcado pela ascensão e expansão territorial do Daesh durante os desdobramentos da guerra na Síria, influencia diretamente a estrutura retórica do documentário, o primeiro do gênero divulgado pelo grupo, gerando ampla repercussão na mídia ocidental. Hiperbólica, a produção revela como objetivo principal reforçar e amplificar o poder do grupo terrorista e, ao mesmo tempo, reduzir a efetividade bélica e a moral dos ditos inimigos. Por meio de edições que exageram e manipulam a realidade, a composição reúne diversas passagens de guerra registradas com exclusividade pelo Al Hayat Media Center e imagens de cobertura jornalística, costuradas por uma trilha sonora marcante e narração dramática, conduzida em inglês nativo.

A cena de abertura apresenta o tom de exaltação que será mantido durante todo o filme. O plano abre com os membros clamando: "*You are with us or against us*" (Você está conosco ou contra nós, em tradução livre). Na sequência, é inserido um vídeo do ex-presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, dizendo o mesmo e também um trecho de seu famoso discurso "Missão cumprida", gravado a bordo do USS Abraham Lincoln (CVN-72), um super-porta-aviões de propulsão nuclear, durante a Invasão do Iraque, em maio de 2003. Então, surge a mensagem "*They lied: the flames of war were only beginning to intensify*" (Eles mentiram: as chamas da guerra estão apenas começando a se intensificar, em tradução livre). Pela primeira vez, o termo que nomeia o filme é introduzido ao público, em clara alusão aos destinatários da mensagem. Outra passagem importante e direcionada ao Ocidente se configura pela representação da população civil de territórios recém "libertados" pelo Daesh, saldando e solicitando mantimentos e água aos soldados. Novamente, a cena é instrumentalizada para acusar os líderes islâmicos que se opõem aos atos do Daesh, "espalhando mentiras sobre o regime na televisão herege".

Antes do início das cenas de guerra, há uma seção em que o grupo ressalta a necessidade de purificar o islã, graças aos muitos muçulmanos que não mantém a fé de

forma correta, principalmente aqueles que defendem que a jihad física – em oposição à jihad do coração ou da alma – não deve fazer parte da prática contemporânea da religião. Justificando e defendendo os atos perpetrados, o narrador introduz imagens de batalha por uma base aérea síria, destacando que a luta do Daesh é diferente das de seus inimigos, pois o grupo luta não por ganhos mundanos, mas por recompensas divinas. Diversas cenas mostram soldados emocionados rezando no campo de batalha em agradecimento à Alá. Nesse ponto da produção, a retórica ideológica se intensifica, promovendo a perversão de ideais sagrados e o processo de desumanização do outro, no caso, os inimigos estadunidenses e europeus. Argumento recorrente na retórica propagandista, a morte em batalha – ou o martírio, na concepção extremista – é construída como um momento de celebração e nunca como uma perda. Nesse sentido, um trecho na primeira metade do documentário expõe quando um dos soldados do Daesh é baleado; seus companheiros avançam no campo de batalha sem parar para prestar socorro enquanto o câmera também continua filmando. Nesse momento, o narrador anônimo retrata a morte como gloriosa, afirmando que os expectadores puderam assistir a "alma dele indo para um lugar muito melhor".

Como nas produções holywoodianas, o ápice do documentário se localiza nos minutos finais. De modo icônico, as imagens exibem cenas registradas após a conquista da base da 17ª Divisão síria, próximo à Raqqa. Apartamentos residenciais formam o pano de fundo para a apresentação de uma fileira de soldados capturados cavando as próprias covas com as mãos em um campo aberto. Um dos soldados é colocado em plano fechado para então fazer uma longa declaração contra o regime de Bashar al-Assad e seus aliados. Para dramatizar ainda mais a sequência, o narrador aparece, enfatizando a mensagem de que a guerra está apenas começando para, então, fazer parte da execução em massa dos prisioneiros. Os corpos caem nas covas e o primeiro filme da série "Flames of War" termina com as imagens se afastando de forma gradual.

Já o filme-sequência chegou a conhecimento público, pelo Youtube, em 29 de novembro de 2017, período crítico para o Daesh, marcado pela perda de grande parte do território conquistado no Iraque e Síria. A nova produção conta com o título “Flames of War: Until The Final Hour”, em clara alusão à obra de Traudl Junge, que retrata os últimos dias do regime nazista e de Adolf Hitler. Paralelamente, o título também reforça a ideia propagada de que os ataques terroristas e a luta do Daesh na guerra síria seriam um modo de dar início ao “fim dos tempos”; por meio de manifestos e vídeos, mensagens defendem

que uma grande batalha contra os infiéis desencadearia os acontecimentos necessários para o "dia do juízo final", descrito pelo Hadiz, um dos textos sagrados. O roteiro, organizado de forma estratégica, reitera essa referência constantemente ao longo dos 58 minutos de filme, reforçando que a vitória contra o Al'ahzab[5] ainda virá, apesar das perdas momentâneas. A retórica tem como intuito atingir tanto os inimigos quanto apoiadores do grupo; voltada para estes últimos, a mensagem salienta o apelo religioso do momento de provação, dos mártires e do arquétipo do herói. O período de perdas é interpretado como a necessidade de revelar os verdadeiros fiéis. É possível notar um aumento significativo no uso de passagens do Alcorão e referências religiosas a fim de fundamentar a narrativa da inevitável vitória após as derrotas por meio da intervenção divina. Nos minutos finais, reforçando a importância da mensagem, há a aparição do então califa Abu Bakr al-Baghdadi, que se dirige aos muçulmanos, enfatizando, mais uma vez, para que não se impressionem com "as nações pecadoras, que se unem contra o Estado Islâmico, pois essa é a condição para a vitória em qualquer era". Toda a composição da cena para o discurso do califa enfatiza a lógica propagandista messiânica que envolve a figura de al-Baghdadi, que, como todo líder carismático, assume o mito do escolhido por Deus.

O segundo longa-metragem da série "*Flames of War*" trabalha também, de forma ainda mais acentuada, o processo de desumanização dos inimigos. Logo nos primeiros minutos, imagens de crianças mortas em decorrência de um ataque da coalisão à cidade de Raqqa preenchem a tela, seguidas de um vídeo em que o presidente estadunidense Donald Trump comenta sobre a brutalidade do Daesh: "*This is an evil, sadistic, monstrous enemy, absolute butchers*" ("Esse é um inimigo demoníaco, sádico monstruoso, são açougueiros", em tradução livre da autora). A inserção busca descreditar o discurso dos inimigos por meio da contradição: os que acusam o Daesh de ser desumano pratica atos tão ou até mesmo mais brutais, sem uma causa ou a orientação divina, tornando-os injustificáveis; argumento explorado a fim de legitimar os ataques perpetrados, principalmente, a alvos ocidentais.

Elementos de teor emocional, com ênfase na trilha sonora, foram empregados em abundância, se comparados ao primeiro filme; a ausência de pluralidade de argumentos para manter a ideologia extremista frente às as recentes perdas pode ser um dos motivos

[5] Coalisão de países, considerados infiéis, que luta contra o Daesh.

que justifiquem a escolha. Após reforçar a premissa de desumanização dos inimigos durante todo o roteiro, compondo a narrativa para legitimar os atos cometidos, os minutos finais foram elaborados para impactar os inimigos e a audiência, salientando que a capacidade operativa do Daesh se mantém intacta. Cenas de execuções de prisioneiros com facas, tiros, pedras e fogo invadem a tela, inclusive, registradas em *slow motion* e alta qualidade. Por cerca de cinco minutos, uma sequência de degolamentos tem destaque, sendo finalizada apenas quando a última cabeça é jogada em um buraco ensanguentado no chão. Em um artifício retórico, os dois filmes da série "*Flames of War*" compartilham a mesma cena final: soldados capturados cavando as próprias covas com as mãos em um campo aberto e, posteriormente, a execução de todos eles. A escolha de repetir o final simboliza a manutenção das convicções ideológicas e o reforço da vitória após o período de provação. De modo subliminar, o fechamento revela a crença de que, independentemente da fase da luta contra os infiéis, o destino daqueles que se opõem ao Daesh é sempre o mesmo, graças à vontade de Deus.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na análise da retórica propagandista intrínseca na série "Flames of War", é possível identificar que o Daesh se apropria de elementos ocidentalizados da cultura audiovisual a fim de conferir credibilidade e legitimidade às produções, em um processo paradoxal. O universo simbólico, acionado pela estética técnica empregada em ambos os filmes, aliado ao uso da língua inglesa evidencia o esforço em conferir um aspecto internacional à organização terrorista. Com reforço dos integrantes europeus e estadunidenses, o Al Hayat Media Center estudou cuidadosamente a estratégia propagandística utilizada pelos governos dos Estados Unidos e Reino Unido para validar social e midiaticamente a invasão ao Iraque, após o 11 de Setembro, e aprimorá-la visando atingir seus próprios objetivos. Dessa forma, o Daesh conseguiu estabelecer mitos igualmente falsos e distorcidos a serviço do proselitismo e recrutamento, por meio da instrumentalização midiática profissional, principalmente das redes sociais (NAPOLEONI, 2015; p.21).

Apesar da terem sido produzidos em contextos diferentes, ambos os filmes se sobrepõem na tentativa de fortalecer os pilares ideológicos que justificam a existência do Daesh. A intenção de legitimar o grupo nos âmbitos político e religioso é latente. Isso fica refletido na própria escolha do nome do califado como "Estado Islâmico", representando

a utopia de ser reconhecido como um Estado, de fato, independente e a asserção do papel central do islã na política, rejeitando em seu cerne qualquer flexibilização de caráter secular.

A tentativa de legitimação política fica registrada categoricamente no primeiro filme, que dedica longas cenas para apresentar a estrutura burocrática atendendo às necessidades da população por meio de atividades consideradas estatais, incluindo supostas parcerias com líderes locais nos territórios iraquiano e sírio. Já o desejo de se legitimar na esfera religiosa conta ainda com muito mais dedicação e empenho retórico, principalmente no segundo filme. Devido às perdas militares e ataques terroristas já perpetrados, argumentos e elementos religiosos são instrumentalizados em abundância para validar a lógica extremista e, consequentemente, o nível de violência empregado pelo grupo. A partir de uma cosmovisão dicotômica, a interpretação das escrituras sagradas induz ao conflito contra aqueles considerados infiéis, apostatas ou heréticos, que não possuem direito de defesa frente às leis divinas, encaradas como incontestáveis.

Mesmo com a redução do domínio territorial e a morte do califa Abu Bakr al-Baghdadi em decorrência de uma operação militar dos Estados Unidos na Síria em outubro de 2019, os efeitos da retórica propagandística do Daesh seguem ativos e influentes, especialmente na esfera digital. No atual contexto social, a falência das instituições e promessas da modernidade mantém o projeto autoritário do Daesh vivo, arraigado no apelo do martírio último e a perversão do arquétipo do herói, parte indissociável da psique humana.

A série "*Flames of War*" representa um importante marco evolutivo na estratégia, estética e prática midiática dos movimentos terroristas, não apenas voltadas aos processos de recrutamento e radicalização, mas também na propagação do pânico moral. A partir dos resultados e análises decorrentes, o presente artigo espera contribuir para abrir caminho a pesquisas posteriores, nomeadamente, no que diz respeito à relação entre a midiatização do terrorismo, na retórica propagandística do Daesh, e o aumento da incidência de operadores solitários, popularmente conhecidos como "lone wolves", considerando as características dos relacionamentos possibilitados pela interatividade tecnológica.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
_____. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
BECKER, H. **Outsiders:** Studies in the Sociology of Deviance. New York: The Free Press of Glencoe, 1963.
BUTLER, T. **The Media Construction of Terrorism Pre and Post-9/11**. 2015.
CELSO, A. **The Islamic State and Boko Haram**: Fifth Wave Jihadist Terror Groups. Foreign Policy Research Institute, San Angelo, 2015.
COHEN, S. **Folk devils and moral panics**. 3ª ed. Nova York e Londres: Routledge, 1980.
KAPLAN, J. **Terrorism's Fifth Wave**: A Theory, a Conundrum and a Dilemma. Perspectives on Terrorism, Lowell, v. 2, n. 2, p.12-24, jan. 2008.
LAURIA, B; SILVA, H; RIBEIRO, P. "O Estado Islâmico". In: **Série Conflitos Internacionais**, v.2, n.2, abril de 2015. (Marília: Observatório de Conflitos Internacionais da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho – UNESP, 2015. pp.01-06.)
MENDONÇA, K. **A punição pela audiência**: Um estudo do Linha Direta. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.
MORIN, E. **Rumo ao abismo?** Ensaio sobre o destino da humanidade. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. Título original: Vers l' abîme?
NAPOLEONI, L. **A fênix islamita**: o Estado Islâmico e a reconfiguração do Oriente Médio. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015, p.20-21.
RAPOPORT, D. C. **The Four Waves of Modern Terror**: International Dimensions and Consequences. In: An International History of Terrorism: Western and Non-Western Experiences, edited by Jussi M. Hanhimaki and Bernhard Blumenau, 282-310. New York: Routledge, 2013.
SCHMID, A. **Statistics on Terrorism**: The Challenge of Measuring Trends in Global Terrorism. In: Forum on Crime and Society. Vol. 4. 2004.
SHARMA, S; JASBINDER, N. **The racialized surveillant assemblage**: Islam and the fear of terrorism. Popular Communication, 2018.
TVERSKY, A.; KAHNEMAN, D. **Availability**: A heuristic for judging frequency and probability. Cognitive Psychology, 1973.
TVERSKY, A.; KAHNEMAN, D. **Judgment under uncertainty**: Heuristics and biases. Science, 1974.
VON SIKORSKI et al. **Muslims are not Terrorists**: Islamic State Coverage, Journalistic Differentiation Between Terrorism and Islam, Fear Reactions, and Attitudes Toward Muslims. 2017.